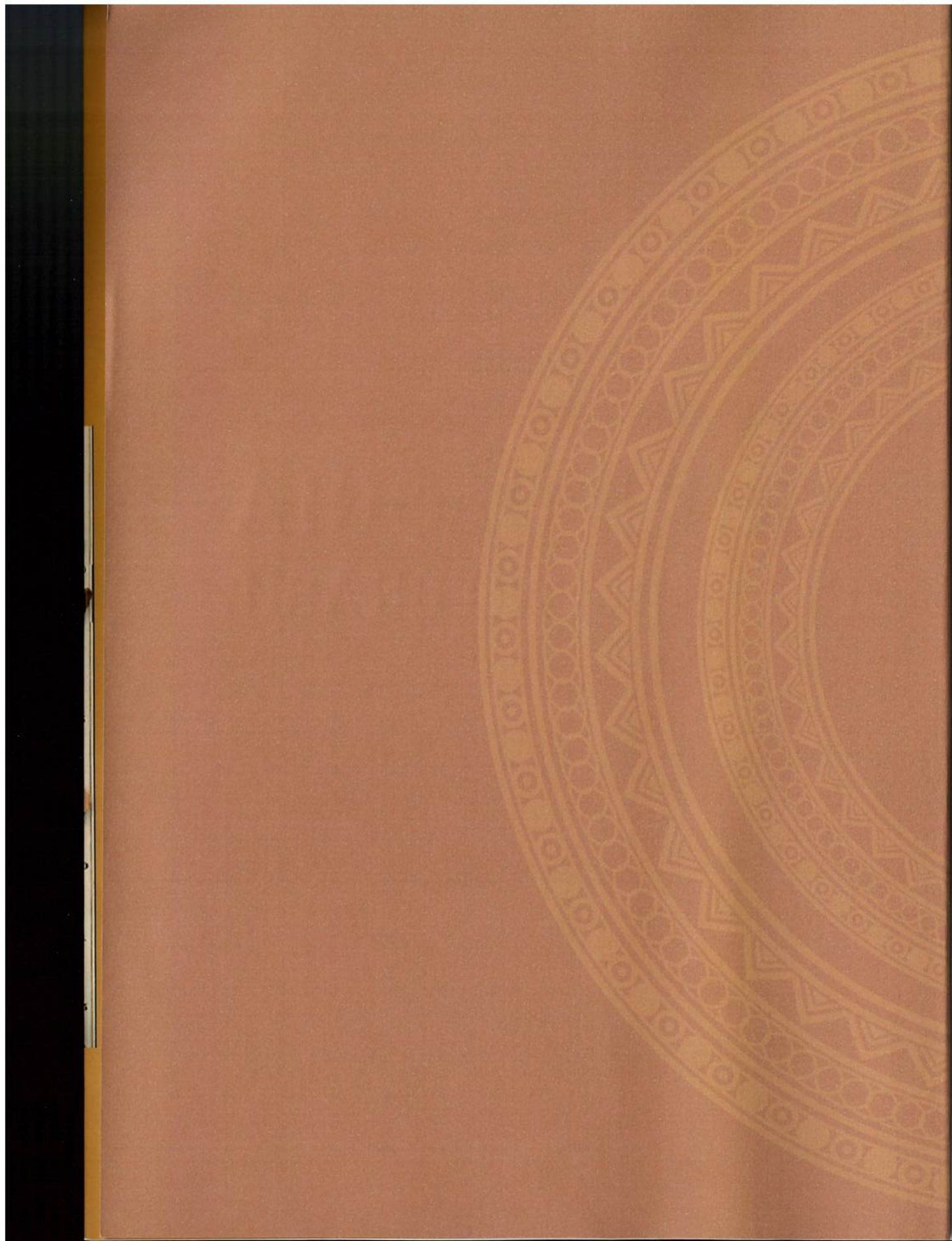




Estudos em homenagem a
Maria Isabel D'Agostino Fleming

ARQUEOLOGIA CLÁSSICA NO BRASIL

REFLEXÕES SOBRE O MEDITERRÂNEO ANTIGO

Vagner Carvalho Porto
Marcia Severina Vasques
Marcio Teixeira-Bastos
(Organizadores)

2023

ORGANIZADORES:	Vagner Carvalho Porto Marcia Severina Vasques Marcio Teixeira-Bastos
COMISSÃO CIENTÍFICA:	Adriene Baron Tacla - Universidade Federal Fluminense (UFF) Camilo de Mello Vasconcellos - Museu de Arqueologia, Universidade de São Paulo (MAE-USP) Cintia A. Gama-Rolland - Musée des Confluences, Lyon Claudio Walter Gomez Duarte - Universidade Metropolitana de Santos (Unimes) Fabio Vergara Cerqueira - Universidade Federal de Pelotas - (UFPel) Gilberto da Silva Francisco - Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) Juliana Figueira da Hora - Universidade de Santo Amaro (Unisa) Louise Prado Alfonso - Universidade Federal de Pelotas - (UFPel) Luiz Antonio Dias - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
CAPA:	Lygia Ferreira Rocco
EDIÇÃO E REVISÃO:	Felipe Cotrim Tikinet
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:	Nicole de Abreu Tikinet

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

P853	Porto, Vagner Carvalho, Vasques, Marcia Severina, Teixeira-Bastos, Marcio (Organizadores) Arqueologia clássica no Brasil: reflexões sobre o Mediterrâneo Antigo / Organização de Vagner Carvalho Porto, Marcia Severina Vasques e Marcio Teixeira-Bastos. – São Paulo: MAE-LARP/USP, 2023. 444 p.; il. <i>Estudos em homenagem a Maria Isabel D'Agostino Fleming</i>
	ISBN 978-65-87080-47-5
	1. Arqueologia. 2. Arqueologia Histórica. 3. Arqueologia Clássica. 4. Antiguidade Clássica. 5. História Antiga. 6. Arqueologia Clássica no Brasil.

CDU 930.26

CDD 930.1

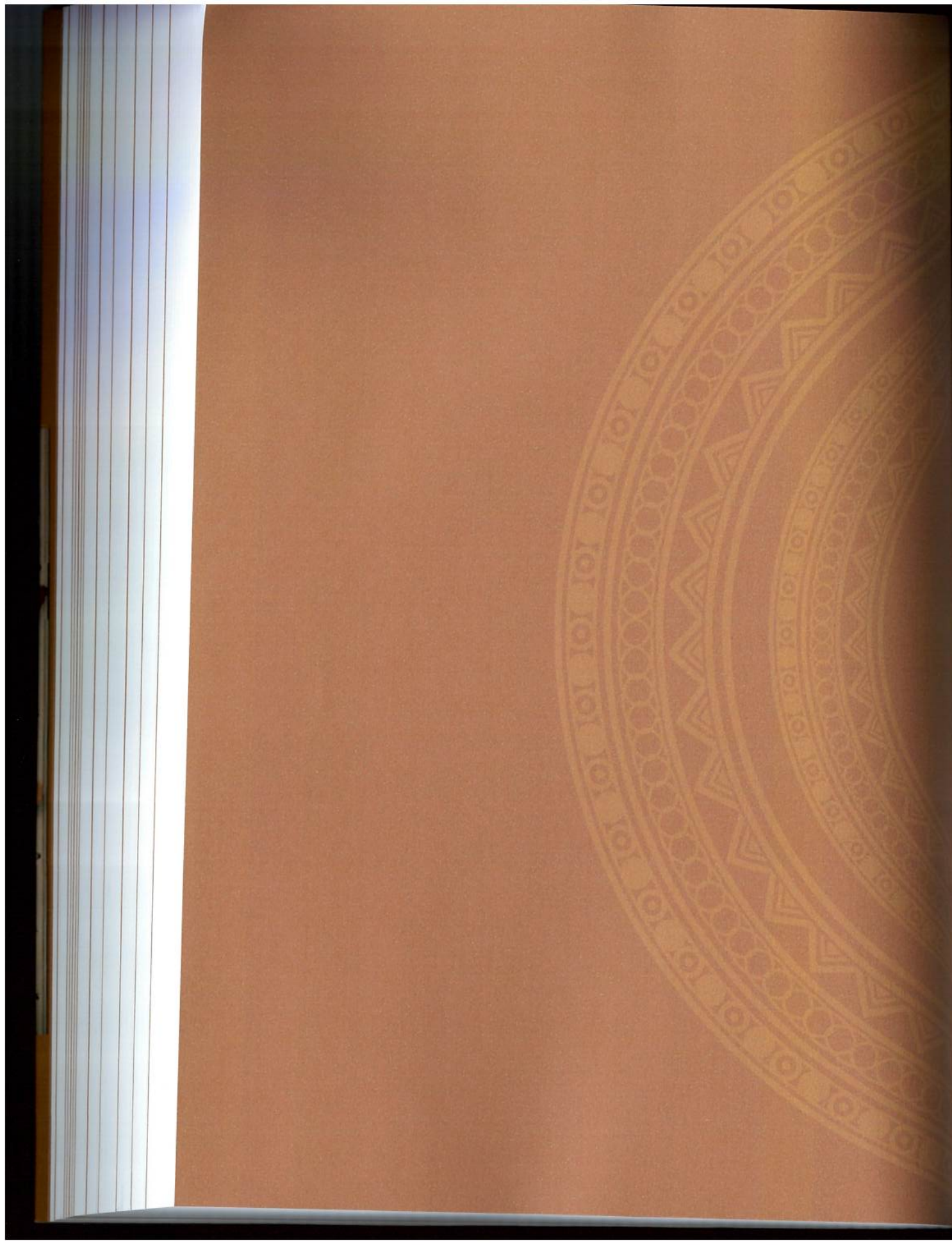
Catalogação elaborada por Regina Simão Paulino – CRB 6/1154

Sumário

Apresentação	9
<i>Os organizadores</i>	
1 – Michel Gras pour Maria Isabel	21
<i>Michel Gras</i>	
2 – Para Maria Isabel, de Michel Gras	25
<i>Michel Gras, tradução de Claudia Gradim</i>	
3 – Um testemunho da convivência com Mabel Fleming	29
<i>Eduardo Góes Neves</i>	
4 – Um tributo a Maria Isabel D'Agostino Fleming, mestra e inspiradora	33
<i>Pedro Paulo A. Funari</i>	
5 – Les cites romaines du Maghreb	37
<i>Patrick Le Roux</i>	
6 – As cidades romanas do Magreb	57
<i>Patrick Le Roux, tradução de Claudia Gradim</i>	
7 – Formas de escolha e consumo em Morgantina (Sicília): as áreas funerárias e as áreas domésticas	77
<i>Elaine Farias Veloso Hirata</i>	
8 – A Calábria meridional e a expansão grega no Mar Tirreno: Metauros entre a pré-colonização e a emporia (sécs. VIII-VI a.C.)	105
<i>Maria Beatriz Borba Florenzano</i>	

9 – O impacto do crescimento de Antioquia sobre o campesinato sírio: Libânio e a defesa dos <i>Georgoi</i>	129
<i>Gilvan Ventura da Silva</i>	
10 – O poder de Dioniso em Nisa-Citópolis: entre o suporte arqueológico e imagético	153
<i>Vagner Carvalheiro Porto</i>	
11 – O Norte da África nos estudos contemporâneos: os caminhos a seguir	197
<i>Maria Cristina Nicolau Kormikiari</i>	
12 – A morte e o Além no Egito Romano: a necrópole de Hermópolis Magna	225
<i>Marcia Severina Vasques</i>	
13 – An attic crater at MAE-USP: a case study for conservation employing portable X-ray fluorescence technique	245
<i>Carlos Roberto Appoloni e Silvia Cunha Lima</i>	
14 – Uma cratera ática no MAE-USP: um estudo de caso para conservação utilizando a técnica de fluorescência de raios-X portátil	259
<i>Carlos Roberto Appoloni, Silvia Cunha Lima, tradução de Claudia Gradim</i>	
15 – A Arqueologia Medieval no Brasil	275
<i>Marcelo Cândido da Silva, Marina Duarte Sanchez, José Francisco Fonseca e Gabriel Rodrigues Cordeiro</i>	
16 – Comentários sobre o Mítreu de Londres	289
<i>Renato Pinto</i>	
17 – Dioniso, sátiros e bacantes nos mosaicos romanos do Norte da África	311
<i>Silvana Trombetta</i>	

18 – Espaços do Sagrado em Cesareia Marítima no Período Romano-Bizantino	333
<i>Marcio Teixeira-Bastos</i>	
19 – Desembaraçando as tramas interpretativas: reflexões sobre os usos e conteúdos do <i>Livro do Amduat</i> durante a 21ª dinastia	367
<i>Cássio de Araújo Duarte</i>	
20 – Arqueologia e cristianismo antigo: um percurso histórico sobre a interpretação da cultura material	387
<i>Alessandro Mortaio Gregori</i>	
21 – Territórios Plurais dentro QAŞR ASH-SHAMA^c (Fortaleza da Babilônia)	407
<i>Lygia Ferreira Rocco</i>	
Biografia dos autores	435



O Norte da África nos estudos contemporâneos: os caminhos a seguir

Maria Cristina Nicolau Kormikiari
Universidade de São Paulo

O Norte da África, enquanto campo de pesquisa, vive uma situação paradoxal. Onde se encaixar, nos estudos africanos ou nos estudos mediterrânicos? Quais seriam as implicações de tais posicionamentos? A história de ocupação dessas terras, ao longo dos milênios, desde a pré-história, aponta caminhos a serem seguidos. Apresentamos aqui uma parte desse histórico, que passa por momentos cruciais de nossa História Contemporânea, como o movimento Colonial Moderno e os Movimentos de Emancipação do terço final do século XX, e assim, pretendemos demonstrar a riqueza e a importância dessa região para o conhecimento humano.

Em um trabalho recente, *Cultural contacts in colonial settings: the construction of new identities in Phoenician settlements of the Western Mediterranean*, os arqueólogos espanhóis Ana Delgado e Meritxell Ferrer apontam como os assentamentos fenícios constituem-se enquanto excelentes laboratórios de análise dos processos de construção de identidades sociais. Colônias, dizem eles, correspondem a paisagens físicas onde podemos encontrar contatos culturais entre comunidades recém-chegadas e populações locais. Nesses espaços é possível visualizar a coexistência de povos com tradições culturais distintas, as quais se encontram em constante transformação. Oportunidades de mobilidade social, novas relações de poder e de cenários, marcadas pela interação social constante, tornam essas colônias espaços culturalmente dinâmicos,

nos quais os habitantes se veem levados a construir novas identidades sociais (Delgado; Ferrer, 2007, p. 20).

O Norte da África, nessa perspectiva, deve ser compreendido como uma grande arena de interação, onde processos como os descritos acima por Delgado e Ferrer podem ser examinados pelo pesquisador moderno em múltiplas instâncias. A região que abordamos como Norte da África, neste capítulo, compreende os atuais países Líbia, Tunísia, Argélia e Marrocos¹ (Figura 1). Neste sentido, deixa de lado países como Egito, Saara Ocidental e Sudão, que são incluídos na lista de países da sub-região norte-africana pela Organização das Nações Unidas (ONU).²

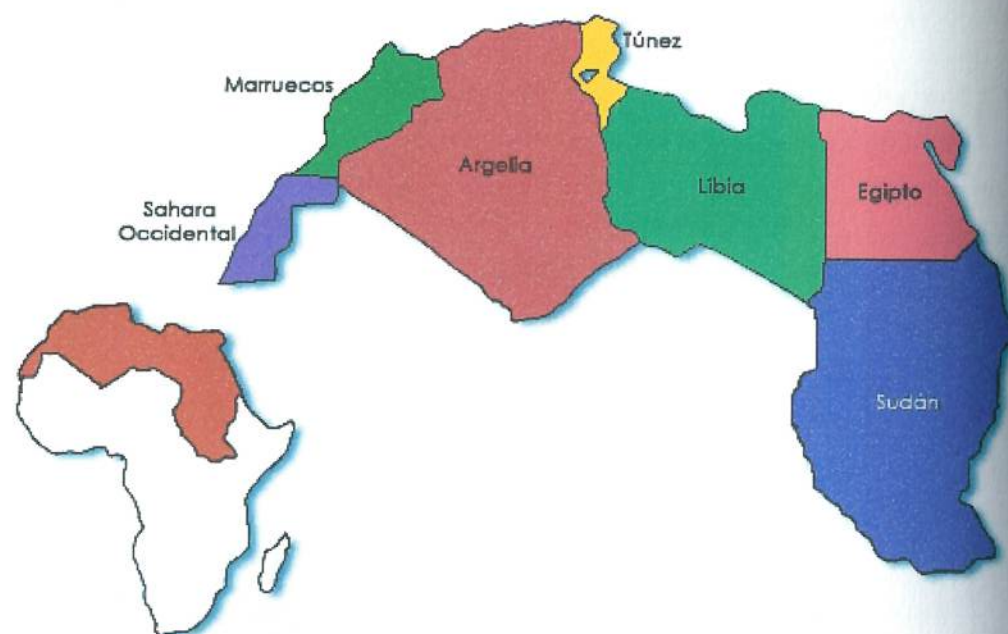


Figura 1: Países do Norte da África segundo a ONU.

Fonte: https://www.goconqr.com/pt/p/14340765?dont_count=true&frame=true&fs=true. Acesso em: 23 maio 2022.

- 1 Esta divisão relaciona-se com o conjunto de dados materiais e textuais que chegaram até nós da Antiguidade e com o campo de estudos arqueológicos a ele associado. Não obstante, atualmente, há uma maior percepção da inexistência destas fronteiras na Antiguidade, sendo que a única, efetiva fronteira, ainda que não intransponível, foi o Saara.
- 2 Disponível em: <https://pitt.libguides.com/c.php?g=12378&p=65815>. Acesso em: 23 maio 2022. A Mauritânia, por sua conta, se junta à Argélia, Tunísia e Líbia, na organização União do Maghreb Árabe.

Em outros trabalhos, já tive a oportunidade de pontuar essa região setentrional do continente africano como uma “ilha”, pois se encontra separada da Europa pelo mar e do resto da África por desertos (Kormikiari, 2007). A palavra Maghreb, de origem árabe, usada para designar a região ocidental e central do Norte da África, significa literalmente “o tempo e o lugar do pôr-do-sol – o oeste”. Para os conquistadores árabes do século VII d.C. em diante, representava a região que era “a ilha do oeste”, isto é, a terra entre o “mar de areia” – o deserto do Saara – e o Mar Mediterrâneo.

No entanto, é preciso deixar claro que nenhum desses dois poderosos elementos naturais, o deserto do Saara e o Mar Mediterrâneo, foram, de fato, barreiras físicas que impediram a ação do homem, seja de dentro para fora como de fora para dentro. O Norte da África é tido, usualmente, como o lar dos berberes, considerados como o povo autóctone da região apesar de achados pré-históricos, que a eles podem ser relacionados, demonstrarem que os primeiros indivíduos, denominados capsianos (a partir do sítio arqueológico de *Capsa*, atual Gafsa, na Tunísia), vieram do Oriente em torno de 10.000 anos atrás, quando, então, uma parte destes entrou em contato com os de fato autóctones ibero-maurísios (Camps, 2002, p. 28) (Figura 2). Ou seja, a própria constituição primária do povoamento norte-africano tem como marca geradora o contato, no caso, com a região oriental do Mediterrâneo.³

- 3 A ideia que esses protomediterrâneos, capsianos, teriam chegado ao Norte da África, vindos do Oriente, e originado a cultura berbere, se baseia em três pontos principais: um novo tipo físico toma conta do horizonte; a cultura neolítica se instala; e uma língua, o protoberbere, estaria na origem dos dialetos históricos. Defendida por estudiosos que pesquisam as regiões orientais, e a cultura semítica, é a teoria mais aceita. No entanto, mais recentemente tem sido combatida por acadêmicos africanistas, que defendem uma origem deste movimento populacional a partir da África Central. Trata-se de questão, no que toca esse período pré-histórico recuado, que depende de mais pesquisas linguísticas e arqueológicas. Segundo Salem Chaker (2013), por um lado, temos a extrapolação para a pré-história, por parte dos pesquisadores do Oriente Médio, de movimentações fenícias do 1º milênio a.C.; e, por outro, a extrapolação dos defensores de uma África oriental como berço da humanidade.

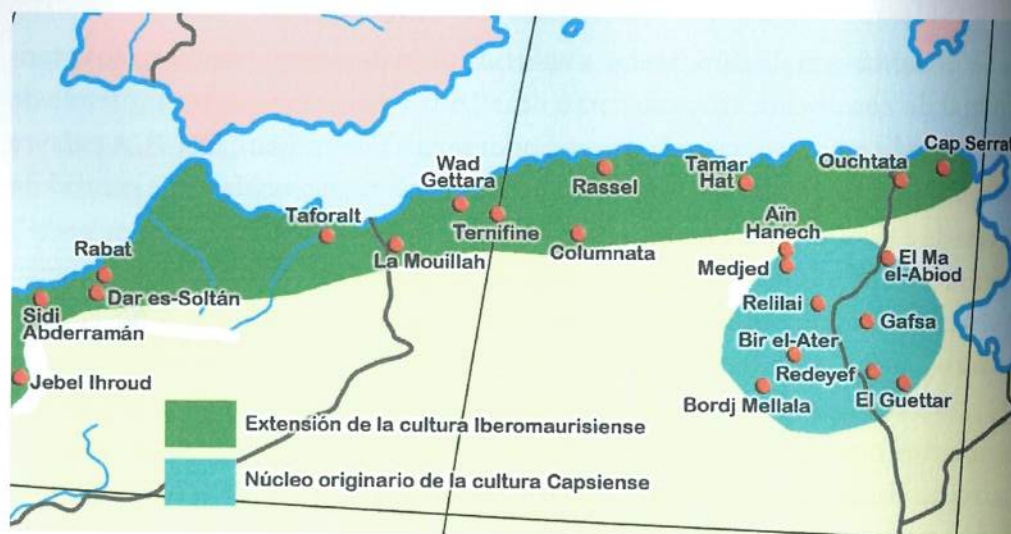


Figura 2: Principais áreas de distribuição de vestígios materiais associados às culturas ibero-maurísia e capsense.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura_ibero-maurisiana. Acesso em: 23 maio 2022.

E, de fato, apesar do deserto não ter se constituído enquanto uma barreira física intransponível aos berberes, os dados arqueológicos proto-históricos e, posteriormente, tanto a documentação material que se sucede como a textual que surge demonstram uma preponderância de inserção com as regiões setentrionais e orientais do Mediterrâneo. O material arqueológico encontrado em vários sítios norte-africanos atesta uma marcante relação com a Península Ibérica, com a região mediterrânica central e com o Oriente Próximo (Camps, 1960, p. 127-145). Interações com a África central sempre existiram, mas a desertificação de sua porção setentrional, que criaria o Saara e o próprio ressecamento do clima durante o Neolítico, o qual começa tardiamente na região, em torno de 5.000 a.C. (Belkhoja *et al.*, 2003, p. 4), diminuíram significativamente o ritmo dos contatos.

O termo *berbere*, com o qual a academia se acostumou a classificar todas as populações autóctones norte-africanas históricas, isto é, aquelas mencionadas em fontes textuais antigas clássicas e árabes medievais, surge no século VII d.C. com a chegada destes últimos à região. Acredita-se que este exônimo advenha de uma adequação da palavra latina *barbarus*, e não deixa de carregar em si o peso do preconceito. A ocupação moderna europeia da região, a partir de meados do século XIX, levou à consolidação do uso do termo para se referir aos habitantes autóctones da região. Atualmente, há uma tendência na historiografia contemporânea em restringir

o uso do termo '*berbere*' apenas às populações contemporâneas autodeclaradas como tais. Dessa maneira, para a Antiguidade e o período Medieval, procura-se utilizar denominações históricas, como númidas, getulos, garamantes, mouros/mauritânios, ziridas, zenétes, entre tantos outros (Figura 3).



a



b



c



d



e



f



g

Figura 3: Diferentes fotografias de populações autodeclaradas berberes no século XX (3a a 3e). Da esquerda para a direita: a) jovens kabilas da montanha Djurdjura, Kabília, Argélia; b) artesão berbere, Maciço de Hoggar, Argélia; c) crianças da comunidade berbere do Mzab, Argélia; d) jovem kabila com suas joias berberes, Kabília, Argélia; e) casal haratin, cultivadores berberes do oásis; Iconografia de berberes na Antiguidade: f) mosaico representando cativos mouros, encontrado na basílica judiciária de Tipasa, Argélia; g) detalhe de pintura na tumba de Sêti I^o (XIX dinastia), em torno de 1300 a.C., retratando chefes líbios (temehu) capturados. Fonte: Camps (2002): p. 248 (a); 217 (b); 228 (c); 223 (d); 50 (e), 106 (f); 8 (g).

Durante a chamada Antiguidade clássica, a região foi colonizada primeiro pelos fenícios, durante os séculos XI-IX a.C. A chegada e permanência de gentes fenícias a partir de um período tão recuado quanto o século XI a.C., além de mais uma vez marcar a profunda conexão norte-africana com o Oriente Próximo, marca igualmente o início de um processo de interação cultural absolutamente seminal, uma vez que a presença fenícia nessas terras não foi algo pontual, mas se tratou de um complexo e longo processo histórico que envolveu toda a região e se iniciou com visitas esporádicas, visitas de exploração, estabelecimento de assentamentos provisórios e, por fim, com Lixus, Útica e Cartago, entre outras, a partir do final do século IX a.C., o estabelecimento de colônias propriamente ditas⁴ (Figura 4).



4 Trata-se de tema vastíssimo para o qual não temos o espaço, aqui, de abordagem. Para adentrar nas pesquisas sobre os movimentos populacionais, particularmente fenícios, em direção ao Mediterrâneo Central e Ocidental, ver Kormikiari (1993, 2019); Celestino, Rafel e Armada (2008); Garbati e Pedrazzi (2014); Docter, Chelbi e Telmini (2003); Docter *et al.* (2008), com vasta bibliografia de referência.



Figura 4: Acima, mapa com a localização de assentamentos fenícios e de populações locais no Norte da África, Sardenha e sul da Espanha. Abaixo, aquarela com reconstrução artística da Cartago púnica.

Fonte: <https://jeanclaudegolvin.com/carthage>. Acesso em: 28 maio 2022.

Devemos, no entanto, lembrar que esse primeiro processo histórico de interação cultural não foi homogêneo. A expansão fenícia se caracterizou por um povoamento do litoral norte-africano, onde muitos sítios se desenvolveram, inicialmente, como portos de apoio às rotas de contato entre Oriente e Ocidente. Com a ascensão de Cartago, entre os séculos VI e V a.C., percebe-se, a partir da documentação textual e material, que a dinâmica das relações se altera, uma vez que a colônia tíria assumirá um papel centralizador e controlará a Bacia do Mediterrâneo ocidental, a partir de uma vasta rede para além do continente africano (Aounallah; Mastino, 2018; Kormikiari, 2015).

Posteriormente gregos, e principalmente romanos a partir do século III a.C., instalam-se no Norte da África. A presença grega é mais fluida, há breves menções em fontes textuais e os achados materiais se concentram nas cidades costeiras com amplo horizonte fenício-púnico.⁵ Já a presença romana foi, desde a Primeira Guerra Púnica (264-241 a.C.), uma presença com forte caráter militar (Figura 5).

⁵ Neste sentido é claro, estamos falando de presença grega em território fenício-púnico, e não nos referimos às *apokias*, fundações gregas na costa da Líbia oriental, a mais famosa e bem-sucedida delas sendo Cirene. O famoso *Altar dos Filelenos* marca a fronteira entre o território grego e o fenício-púnico (KORMIKIARI, 2019).

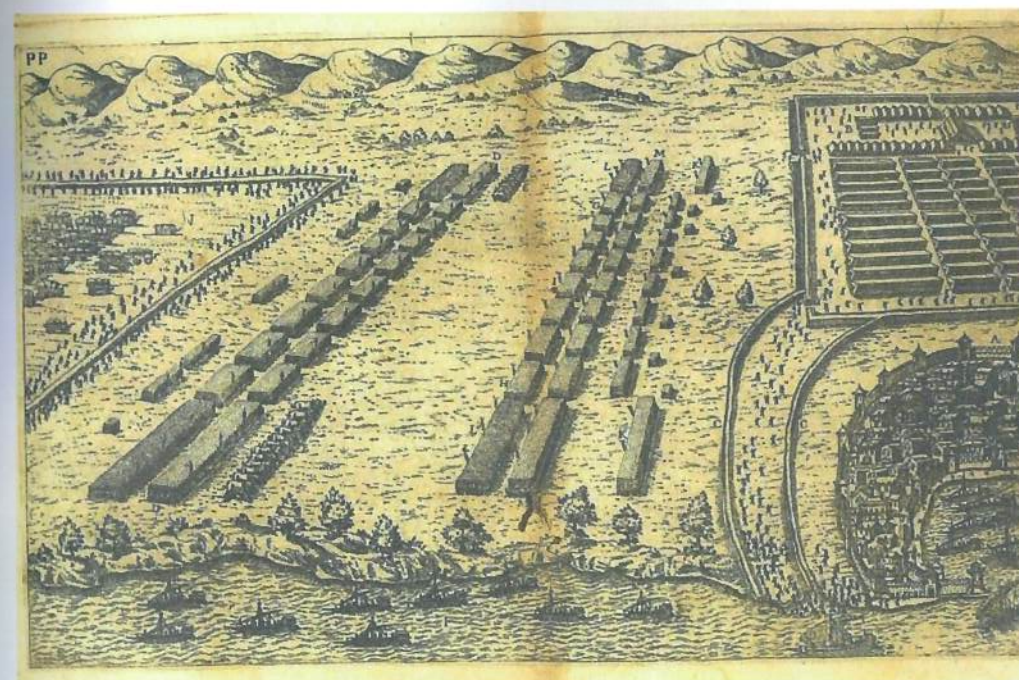


Figura 5: O exército romano em Tapsos, Norte da África. Gravura de Palladio, século XVII.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Batalha_de_Tapso#/media/Ficheiro:Battle_of_Thapsus.jpg. Acesso em: 22 maio 2022.

Os romanos invadem o Norte da África, primeiro levando para esse solo suas disputas republicanas, durante as Guerras Civis, e, posteriormente, partindo para a anexação territorial. Desse modo, entre o final da República e o Império Romano, todo o Norte da África foi transformado em províncias específicas.⁶

É preciso ter em mente, no entanto, que este processo de anexação territorial será muito longo, ocorrendo lentamente por mais de três séculos, e que, em sua maior parte, ficará restrito há algumas centenas de quilômetros da costa mediterrânica. As divisões provinciais iniciam-se com a primeira, *Africa*, no antigo território de Cartago, no final do século I a.C., e caminham lentamente para o oeste e leste. Nesse percurso, como mencionado, de séculos, as fronteiras das províncias são alteradas, antigas províncias são dissolvidas, e novas criadas em seus lugares (Figura 6).

⁶ Para um vislumbre da bibliografia sobre o tema, igualmente vastíssima, ver Kormikiari (2000).

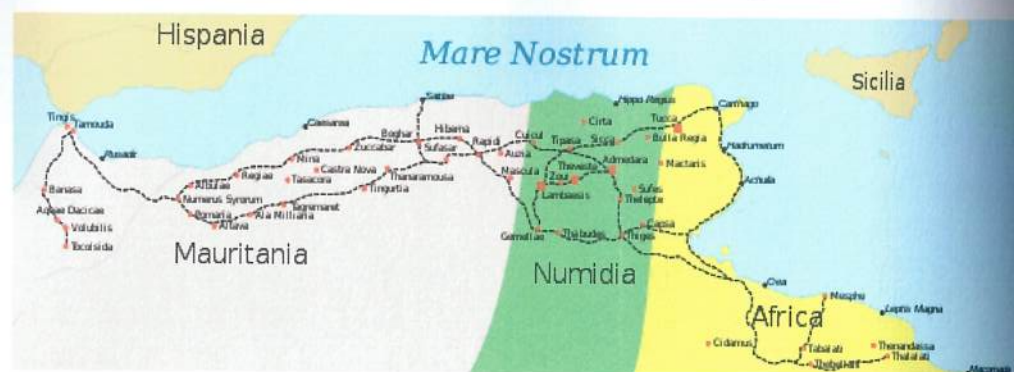


Figura 6: Mapa dos três grandes territórios, *Africa*, *Numidia* e *Mauritania*, que são foco do domínio romano entre o final do século I a.C. e IV d.C. A linha pontilhada marca as fronteiras conhecidas desse domínio. Os territórios serão anexados, divididos e subdivididos ao longo desse período, e igualmente terão seus nomes alterados nesse processo.

Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Africa_Roman_map.svg. Acesso em: 23 maio 2022.

Percebe-se, assim, como a região, banhada em 90% de sua costa pelo Mediterrâneo – os restantes 10% fazendo parte do mundo atlântico –, esteve sempre conectada às vicissitudes históricas dos povos mediterrânicos setentrionais e orientais.

O Norte da África, como afirmamos no início deste capítulo, configura-se como um enorme laboratório de análise por ter sido intensa área de contatos populacionais e culturais, onde a interação foi uma marca, mas igualmente se trata de uma área colonial, e neste sentido particular, de guerra, o que implica em todo um conjunto diferenciado de abordagens. Lembramos, por fim, que tanto o conceito *colônia*, como colonialismo, possuem acepções distintas a variar o período histórico estudado.⁷

O processo de exploração estrangeira do Norte da África não se restringe ao período antigo. Em seguida aos romanos, atesta-se a presença vândala (século V d.C.), bizantina (século VI d.C.) e, na sequência, islâmica (século VII d.C.), na região. No período moderno, temos, por fim, a colonização europeia, marcada por momentos de intensa violência, especialmente de franceses (Figura 7).

⁷ Sobre a questão, para a Antiguidade, ver o programa com a Profa. Maria Beatriz Florenzano para o podcast Estraticast: <https://open.spotify.com/episode/5T0wHhdYEiS3owPm2Q6r96>. Acesso em: 7 nov. 2022.

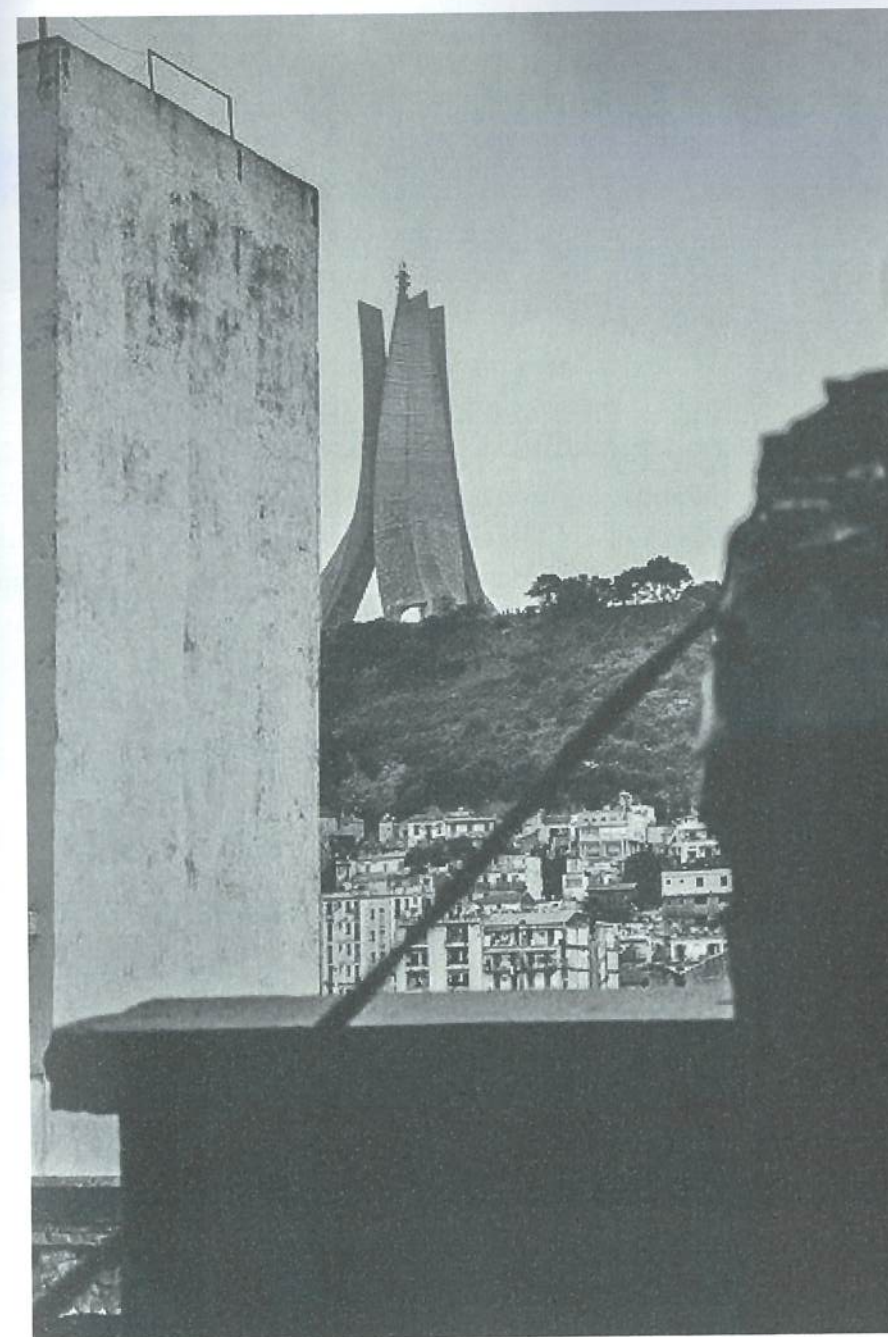


Figura 7: Makam el Chahid (monumento ao mártir). Homenageia os que tombaram durante a Guerra de Independência da Argélia. Inaugurado em 1982 para celebrar 20 anos de independência. Argel, Argélia.

Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Makam_El_Chahid_vu_de_Belcourt.jpg. Acesso em: 27 maio 2022.

Neste contexto, os berberes perderam espaço e presença política. Historiograficamente, sua existência terminou pautada e analisada a partir da perspectiva do outro, do estrangeiro. Ao longo do período dos protetorados europeus (entre os séculos XIX e o XX) temos o início das pesquisas acadêmicas modernas sobre o Norte da África. No entanto, esse momento é marcado por ambiguidades. O protetorado francês, na Argélia, foi pautado por uma preocupação em estabelecer um discurso legitimista, que se utilizou da “redescoberta” do passado romano. Ainda que este foco nas pesquisas possa ser explicado, por um lado, pelas próprias características culturais da presença romana em terras estrangeiras.

Isto é, a mera magnitude dessa presença, com a construção de cidades monumentais, com aparatos hidráulicos do porte dos aquedutos, pontes, prédios públicos como as termas e suntuosas residências privadas, cujas técnicas construtivas e modelos arquitetônicos representam uma assinatura na paisagem tão específica, responde em parte à prioridade que foi dada a eles nas pesquisas modernas⁸ (Kormikiari, 2020; Raven, 2012) (Figura 8).



Figura 8a: Exemplo de *impluvium* em Volubilis, Marrocos.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/isawnyu/5577793632>. Acesso em: 27 maio 2022.

⁸ Ainda que estudos de caso bem apontem emaranhamentos como resultado dos processos de negociação sempre presentes, em alguma medida, em situações coloniais.



Figura 8b: Teatro de Leptis Magna, Líbia.

Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Libya_5453_Leptis_Magna_Luca_Galuzzi_2007.jpg. Acesso em: 27 maio 2022.

Por outro lado, como tão bem colocam Peter Van Dommelen (1997, p. 307), David Mattingly (1996) e David Prochaska (1990), entre o final do século XIX e a primeira metade do XX, boa parte dos estudos arqueológicos e históricos europeus tinha por objetivo compreender como impérios poderiam ser mantidos. O que, no âmbito do contexto do neocolonialismo do período, significou um recorte cronológico e cultural nas pesquisas bastante preciso. Arqueólogos britânicos e franceses procuravam por semelhanças entre as possessões coloniais de seus respectivos países e o Império Romano, uma vez que este havia sido “europeu” e adotado como modelo, junto à Grécia Clássica (leia-se Atenas), desde o Renascimento até os Estados-Nação emergentes do século XIX (Mattingly, 1996).

No Norte da África, onde a França tomou posse de $\frac{3}{4}$ do território (apenas a Tripolitânia, região líbia, ficou nas mãos dos italianos), isso significou uma negação absoluta do passado islâmico e uma identificação, igualmente absoluta, ao Império Romano. Alguns textos produzidos então chegavam a ser bastante explícitos:

Podemos, então, sem receio algum e apesar das dificuldades, as quais não devemos ignorar, comparar a ocupação da Argélia e da Tunísia a aquela das mesmas províncias africanas pelos romanos: como eles, nós gloriosamente conquistamos a terra, como eles, nós asseguramos a ocupação, como eles, nós procuramos transformá-la à nossa própria imagem e ganhá-la para a civilização. (Cagnat, 1913, p. 776 *apud* Van Dommelen, 1997, p. 307, tradução livre nossa)

Não podemos esquecer que o Norte da África tem a característica de ter se islamizado e se afastado das culturas mediterrânicas setentrionais a partir do século VII d.C.⁹ Isto é, o cristianismo compartilhado pelos europeus ajudou a afastar a pesquisa acadêmica desse mundo. Em um texto de André Bértier, de 1951, intitulado “A permanência berbere”, vemos um grande esforço por parte do autor em demonstrar a importância e a força do substrato berbere em detrimento ao árabe. Isto é, o mais importante era destruir a memória da ocupação árabe, apontando como pertinente de serem resgatadas apenas o passado berbere e o romano.¹⁰

Entretanto, faz-se necessário lembrar alguns pesquisadores franceses e franco-argelinos, como Gabriel Camps (1960a, 1960b, 1960c, 1961, 1973a, 1973b, 1980, entre outros), Stephané Gsell (1920/1930) e Jehan Desanges (1962, 1983), entre outros, que trabalharam intensamente na recuperação da história berbere por ela mesma, procurando compreender toda a intrincada rede de contatos norte-africanos e as suas consequências identitárias (Kormikiari, 2007, p. 252).

No Maghreb, o processo de independência frente o jugo europeu, ocorrido no início da segunda metade do século XX, levou a profundas rupturas e gerou uma reconstrução das identidades nacionais. A formação de uma memória islâmica no Norte da África, fruto da independência destes antigos países-colônia, gerou uma reação oposta à política praticada pelos europeus durante sua ocupação de terras norte-africanas, como vimos acima, isto é, a da recuperação do passado romano destas regiões.

Inseridos neste contexto, os berberes levantaram sua voz, não sem luta, por vezes violenta. É o que vemos acontecer durante o movimento denominado

9 Este movimento foi realizado em duas principais levadas, a primeira no século VII d.C. e, a segunda, no século XI d.C.

10 A ocupação fenícia é igualmente minimizada.

Primavera Berbere (*Tafsut Imazighen*), que eclode na região da Kabília, uma área montanhosa do nordeste da Argélia, e na capital do país, Argel. Com o fim da Guerra de Independência Argelina (1954-1962), o francês e o árabe tornam-se as línguas oficiais do país. Os dialetos berberes são renegados. Ainda em 1962, Hocine Aït Ahmed, originário da Kabília, cria a Frente das Forças Socialistas (FFS), que se opôs ao governo da Frente de Libertação Nacional (FLN), partido nacionalista voltado para a identidade árabe. Em 1980, eclode com força uma reivindicação popular em favor da cultura berbere na nação argelina. Os principais objetivos eram a oficialização da língua berbere, denominada *tamazight*, como veremos adiante; e, neste sentido, o reconhecimento da identidade berbere na Argélia. Intelectuais argelinos estão entre os mentores do movimento: Taos Amrouche, Mouloud Mammeri,¹¹ e membros da Academia berbere, depois rebatizada Assembleia berbere, da Kabília. Um dos epicentros do movimento foi a Universidade na Kabília, na wilaya de Tizi Ouzou¹². Em 2016, a língua berbere foi incluída como língua oficial na Argélia (Bektache, 2018).

Em um verbete da *Encyclopédie Berbère* sobre a língua berbere, *tamazight*, Salem Chaker (2008) afirma que o número de falantes de dialetos berberes hoje pode ser considerado baixo.¹³ Entretanto, lembra que apenas e tão somente em razão do longo processo de arabização que acompanhou as várias levadas de invasores árabes desde o século VII d.C. e que resultou, ao fim e ao termo de um longo processo, no espalhamento da língua árabe entre os próprios berberes. Neste sentido, afirma que a imensa maioria dos falantes do árabe no Norte da África são berberes, ainda que assim não se identifiquem. Raciocínio semelhante nos apresenta Gabriel Camps (1988) ao lembrar que identidade é sempre auto dada, e hoje possuímos grupos de berberes, assim autointitulados, dispersos por um vastíssimo território. A extensão deste território moderno, que sofreu o impacto da presença árabe, conforme pontuamos acima, é entendida como indicador do tamanho original da população (Figura 9).

11 O estopim do movimento foi a proibição, pelo governo central em Argel, de uma palestra de Mammeri na Universidade de Tizi Ouzou, na Kabília.

12 Posteriormente nomeada Universidade Mouloud Mammeri, em homenagem a este intelectual que tanto contribuiu para a manutenção moderna da língua líbico-berbere.

13 No Marrocos: 35 a 40% da população; na Argélia: 25% da população.

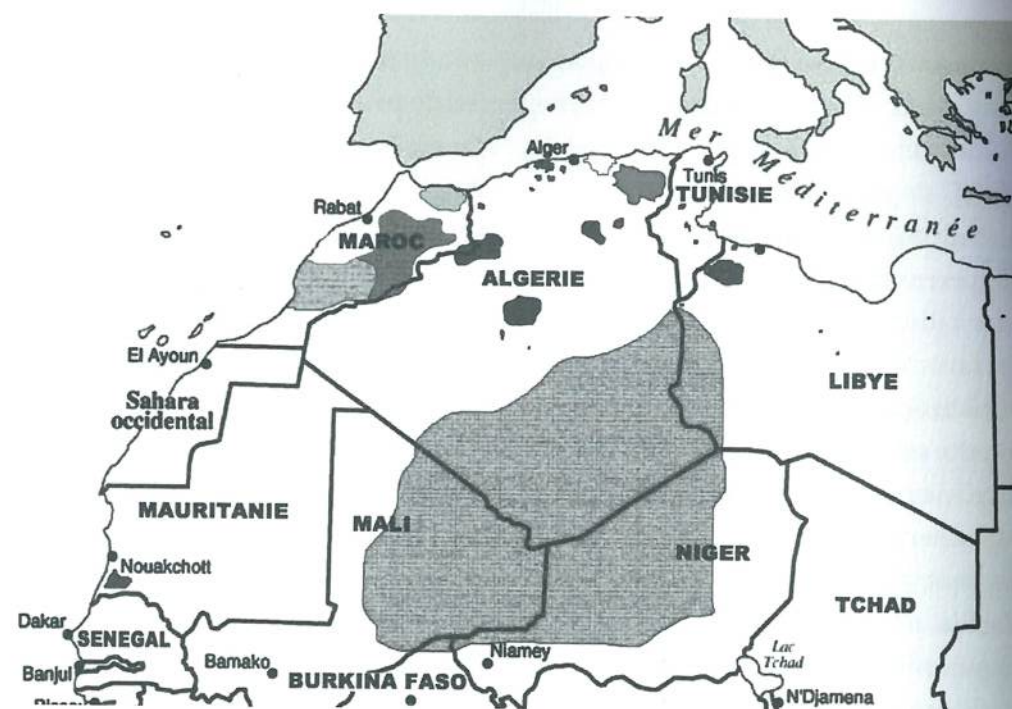


Figura 9: Mapa com as regiões de grupos falantes de dialetos berberes.

Fonte: Chaker (2008).

A língua berbere, o *tamazight*, tornou-se um traço cultural identitário muito forte entre os berberes modernos (Brett; Fentress, 1996, p. 5). Como pontuamos acima, o reconhecimento oficial do *tamazight* esteve no centro da Primavera Berbere. Um estudioso em particular, Lionel Galand, foi o principal nome a trabalhar essa questão. Ele acreditava que a língua líbica, termo para a língua berbere na Antiguidade, foi, em um passado recuado, única, e desta primeira língua, vários dialetos teriam se derivado, provavelmente já a partir do século VI a.C. Os vestígios, ainda que esparsos desse estado das coisas, estão presentes em documentos epigráficos, com uma escrita “líbico-berbere”, encontrados no Norte da África, no Saara e alcançando as Ilhas Canárias (Galand, 1989, p. 69).¹⁴

Vimos que o termo berbere não é autóctone. Mesmo atualmente os povos berberes apenas assim se nomeiam frente ao estrangeiro. Entre eles, possuem outra autodenominação, derivada do dialeto das línguas berberes. Desse modo, sua língua

14 Dentre estes o conjunto mais rico são as inscrições bilíngues, púnico-líbico, primeiro, e latim-líbico, posteriormente. Foram inicialmente compiladas, em número de 1120, no RIL (*Recueil des inscriptions libyques*) pelo abade J. B. Chabot, 1940-1941.

é denominada *tamazight*, como mencionamos acima, e as pessoas que assim se reconhecem, se autodenominam *imazighen* (os berberes), sendo que *tamazight* ainda pode significar a/uma berbere (Chaker, 1986) (Figura 10). Um ponto que chama bastante a atenção é a convergência destes termos modernos com um termo recuperado dos escritos epigráficos em língua líbica, da Antiguidade, transliterado como *amazigh*, e interpretado por arqueólogos e linguistas como uma autodenominação, uma designação étnica de seus grupos indígenas na Antiguidade. Este surge em inscrições líbicas na forma MSK e em inscrições romanas nas formas *Mazic*, *Masik*, *Mazix* e *Mazica* (Camps, 1960, p. 27; Gsell, 1927, v. 5, p. 116; cf. Kormikiari, 2007, p. 253).

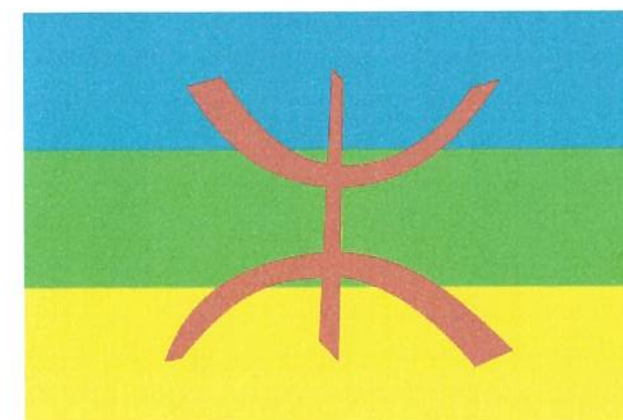


Figura 10: Bandeira Berbere. No centro, em vermelho, a palavra *amazigh*.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Berber_flag.svg. Acesso em: 27 maio 2022.

No entanto, é preciso ressaltar que a organização social autóctone no Norte da África na Antiguidade era bastante complexa, formada por famílias agnáticas – isto é, ligadas por um ancestral masculino em comum; agrupadas em clãs, que por sua vez, eventualmente, formaram unidades organizacionais maiores, até o nível de confederações. A profusão de denominações dadas aos povos autóctones pelos autores latinos é prova dessa complexidade. Um exemplo bastante interessante que podemos trazer à luz são os escritos do autor latino, Plínio, o velho. Na obra *História Natural* (v. 5, 1), ele menciona a impressionante cifra de 463 grupos berberes antigos ao expor aqueles que haviam jurado fidelidade a Roma. Mas o que isso significa realmente? Dentre os 463 nomes, com certeza, temos clãs, famílias agnáticas, tribos e confederações.

Dada tanto a complexidade organizacional autóctone no Norte da África, como a presença das gentes estrangeiras que ali aportam para ficar, como os

fenícios primeiro e os romanos posteriormente, uma compreensão mais clara dos vários processos ocorridos ao longo do tempo só é possível a partir de pesquisas pontuais, que eventualmente possam levar a sistematizações maiores.

Até o final do século XX, um grande empecilho ao conhecimento aprofundado do Norte da África era a escassez de documentação direta acerca dos povos autóctones, e igualmente, a exploração dos vestígios fenícios mais antigos, relacionados às primeiras décadas do contato.

O arqueólogo argelino Mounir Bouchenaki, durante muitos anos atuando na Unesco em cargos de proteção ao patrimônio mundial, bem explicou a razão para esse estado das coisas. A arqueologia romana impedia a exploração das camadas abaixo! Isso porque um aspecto muito importante da ocupação romana no Maghreb foi assinalado pelo arqueólogo de Volubilis, no Marrocos, André Jodin (1987, p. 26): “No Marrocos, cada cidade romana está localizada sobre uma cidade púnico-moura e, até o momento, não houve exceção para essa regra” (cf. Kormikiari, 2007, p. 255). O mesmo raciocínio pode ser estendido, guardadas as devidas proporções, ao restante do Norte da África. Casos como Timgad, na Argélia, instalação *ex novo*, são exceções (Figura 11). A própria natureza norte-africana responderia por esse estado das coisas. Aos fenícios e aos romanos apenas restaram a reocupação das terras já controladas pelos povos autóctones, simplesmente porque essas eram as melhores terras!



Figura 11: Timgad, Argélia.

Fonte: <https://www.unesco.nl/nl/erfgoed/timgad>. Acesso em: 27 maio 2022.

Esse estado das coisas foi sendo vagarosamente desvelado pelos trabalhos arqueológicos, a começar pelo primeiro Atlas Arqueológico da Argélia, publicado por Stéphane Gsell em 1906. Desde então, prospecções e escavações pontuais têm revelado as formas primordiais de assentamento berbere, aldeias e vilarejos. O ponto que mais chama a atenção, como mencionamos acima, é a recorrência da ocupação avançando ao longo dos séculos, inclusive até os dias atuais. As razões para a manutenção da escolha por estes locais se encontram na busca pela sobrevivência, os locais de assentamento dos antigos berberes são os locais mais habitáveis no difícil território norte-africano: possuem defesa e fontes de água (Figura 12).



Figura 12: Vilarejo kabila, c. 1904, pintura de J. Geiser.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/postaletrice/3229011197>. Acesso em: 27 maio 2022.

Nenhuma outra disciplina além da Arqueologia é a mais habilitada para desvelar essa intricada trama. Nas últimas décadas, o aumento e o aprofundamento das pesquisas de campo têm alargado as fronteiras de nosso conhecimento. Tanto importantes projetos de *surveys* como escavações tradicionais alcançaram, literalmente, as diversas camadas de ocupação do Norte da África.

Podemos citar pesquisas em Lixus, no Marrocos (Aranegui; Mar, 2009), no território de Iol-Cesaréia, na Argélia (Manfredi; Mezzolani Andreose, 2013), em Útica (López Castro *et al.*, 2016, 2021) e na região fértil do Vale do Medjerda (Vos Raaijmakers; Attoui, 2013), ambos na Tunísia, e, na Líbia, o famoso *Libyan Valley Survey* (Barker *et al.*, 1996), são apenas alguns poucos exemplos dentre vários.

Não podemos esquecer que essas pesquisas, atualmente, apesar de ainda conduzidas pelas academia europeia e norte-americana, vêm acontecendo cada vez mais em conjunto com uma nova geração de pesquisadores e pesquisadoras maghrebins. Por exemplo, as pesquisas em Iol-Cesaréia e em Útica, o que é, de fato, auspicioso, sendo a multivocalidade, isto é, a multiplicidade de visões, percepções e compreensões, que gera variedade de discurso, elemento essencial da apreensão contemporânea do passado.

Referências

- ARENAGUI, C.; MAR, R. Lixus (Morocco): from a Mauretanian sanctuary to an Augustan palace. *Papers of the British School at Rome*, Rome, v. 77, p. 29-64, 2009.
- AOUNALLAH, S.; MASTINO, A. *Carthage* : maîtresse de la Méditerranée, capitale de l'Afrique (IXe siècle avant J.-C. – XIIIe siècle). Tunis: Agence de Mise en Valeur du Patrimoine et de Promotion Culturelle, 2018.
- BEKTACHE, M. Officialisation de la langue amazighe en Algérie : impact sur les attitudes et représentations sociolinguistiques de quelques locuteurs algériens. *Multilinguales*, Bejaia, v. 10, p. 1-10, 2018. <https://doi.org/10.4000/multilinguales.3764>
- BELKHOJA, K. *et al.* *Histoire générale de la Tunisie* : l'Antiquité. Paris: Maisonneuve e Larose, 2003. v. 1.
- BÉRTHIER, A. La permanence berbère. In: BÉRTHIER, A. *L'Algérie et son passé*. Paris: Éditions A. et J. Picard, 1951. p. 19-33.
- CAGNAT, R. *L'armée romaine d'Afrique et l'occupation militaire de l'Afrique sous les empereurs*. Paris: Imprimerie Nationale, 1913.
- BARKER, G. *et al.* *Farming the desert*: the UNESCO Libyan Valleys Archaeological Survey. Paris: Unesco, 1996. 2 v.
- CAMPS, G. *Aux origines de la Berberie* : Massinissa ou les débuts de l'histoire. Paris: Arts et Métiers Graphiques, 1960a.
- CAMPS, G. A propos d'une inscription punique : les suffètes de Volubilis aux IIIe et IIe siècles avant J.-C. *Bulletin d'Archéologie Marocaine*, Rabat, v. 4, p. 423-426, 1960b.
- CAMPS, G. Un mausolée marocain : le grand bazina de Souk el-Gour. *Bulletin d'Archéologie Marocaine*, Rabat, v. 4, p. 47-92, 1960c.
- CAMPS, G. *Aux origines de la Berbérie* : monuments et rites et rites funéraires protohistoriques. Paris: Arts et Métiers Graphiques, 1961.
- CAMPS, G. Nouvelles observations sur l'architecture et l'âge du Medracen, mausolée royal de Numidie. *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, Paris, v. 117, n. 3, p. 470-516, 1973a.
- CAMPS, G. Une frontière inexplicée : la limite de la Berbérie orientale, de la protohistoire au Moyen Age. In: DESPOIS, J. *Maghreb et Sahara* : études géographiques offertes à Jean Despois. Paris: Société de Géographie, 1973b. p. 59-67.
- CAMPS, G. Espaces berbères. *Revue de l'Occident Musulman et de la Méditerranée*, Provence, n. 48-49, p. 38-60, 1988.
- CAMPS, G. *Les Berbères* : mémoires et identité. Paris: Errances, 2002.
- CHABOT, J. B. Recueil des inscriptions libyques. Paris: Gouvernement Général de l'Algérie, 1940-1941.
- CELESTINO, S.; RAFEL, N.; ARMADA, X.-L. (ed.). *Contacto cultural entre el Mediterráneo y el Atlántico (siglos XII-VIII a.n.e.)*: la precolonización a debate. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2008.
- CHAKER, S. Amaziɣ (le/un Berbère). *Encyclopédie berbère* [En ligne], 4 | 1986, document A183, mis en ligne le 01 décembre 2012. Disponible em: <http://journals.openedition.org/encyclopedieberbere/2465>. Acesso em: 7 nov. 2022.

- CHAKER, S. Origine(s) berbère(s) : Linguistique et préhistoire. **Encyclopédie berbère** [En ligne], 35 | 2013, document O26, mis en ligne le 12 mars 2021. Disponível em: <http://journals.openedition.org/encyclopedieberbere/2829>. Acesso em: 7 nov. 2022.
- CHAKER, S. Langue. **Encyclopédie berbère** [En ligne], 28-29 | 2008, document L09, mis en ligne le 01 juin 2013, consulté le 21 septembre 2021. Disponível em: <http://journals.openedition.org/encyclopedieberbere/314>. Acesso em: 7 nov. 2022.
- DELGADO, A.; FERRER, M. Cultural contacts in colonial settings: the construction of new identities in Phoenician settlements of the Western Mediterranean. **Stanford Journal of Archaeology**, Stanford, v. 5, p. 18-42, 2007.
- DESANGES, J. **Catalogue des tribus africaines de l'antiquité classique à l'ouest du Nil**. Dakar: Publications de la section d'Histoire de la Faculté des Lettres et Sciences Humaines de l'Université de Dakar, n. 4, 1962. 296p, 10 mapas.
- DESANGES, J. Os protoberberes. In: MOKHTAR, G. (ed.). **História geral da África**. São Paulo; Paris: Ática; Unesco, 1983. v. 2, p. 451-472.
- DOCTER, R. *et al.* Carthage Bir Massouda: preliminary report n the first bilateral excavations of Ghent University and the Institut National du Patrimoine (2002-2003). **Babesch**, Leuven, v. 78, p. 43-70, 2003.
- DOCTER, R. *et al.* New radiocarbon dates from Carthage: bridging the gap between History and Archaeology? In: SAGONA, C. (ed.). **Beyond the Homeland: markers in Phoenician chronology**. Leuven: Peeters, 2008. p. 312-355.
- GARBATI, G.; PEDRAZZI, T. (ed.). **Transformations and crisis in the Mediterranean: 'identity' and interculturality in the Levant and Phoenician West during the 12th-8th centuries BCE: proceedings of the International Conference held in Rome, CNR, May 8-9, 2013**. Rome: Istituto di Studi sul Mediterraneo Antico, 2014.
- GSELL, S. **Atlas Archéologique de l'Algérie**. 2. ed. Paris: Alger, 1997. v. 1.
- GSELL, S. **Histoire ancienne de l'Afrique du Nord**. Paris: Hachette, 1920-1930. 8 v.
- KORMIKIARI, M. C. N. A expansão marítima e influência cultural fenícia no Mediterrâneo centro ocidental. **Classica**, Belo Horizonte, v. 2, p. 261-268, 1993. Suplemento.

- KORMIKIARI, M. C. N. **Norte da África autóctone do século III ao I a.C.**: as imagens monetárias reais berberes. 2000. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- KORMIKIARI, M. C. N. O Norte da África na Antiguidade: os reis berberes númidas e suas iconografias monetárias, **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v. 17, p. 252-292, 2007.
- KORMIKIARI, M. C. N. Expansão fenício-púnica no Mediterrâneo Central e Ocidental: realidades próximas e distintas. **Phoînix**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 86-101, 2015.
- KORMIKIARI, M. C. N. Quem eram os fenícios? ou da crise identitária na Academia do século XXI. **Hélade**, Niterói, v. 5, n. 2, p. 13-34, 2019.
- KORMIKIARI, M. C. N. Urbanismo romano no Norte da África: considerações a partir da documentação arqueológica. In: LIMA NETO, B. M.; SILVA, E. C. M.; SILVA, G. V. (org.). **Formas e imagens da cidade antiga**. Vitória: Milfontes, 2020. p. 145-172.
- LÓPEZ CASTRO, J. L. *et al.* The initial Phoenician colonization in Central Mediterranean: new archaeological excavations in Utica (Tunisia). **Trabajos de Prehistoria**, Madrid, v. 73, n. 1, p. 68-89, 2016.
- LÓPEZ CASTRO, J. L. *et al.* Proyecto Utica (Túnez): excavaciones em la ciudad fenicio-púnica: resultados de la campaña de 2016. **Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid**, Madrid, v. 47, n. 1, p. 83-126, 2021.
- MANFREDI, L. I.; MEZZOLANI ANDREOSE, A. **Iside punica: ala scoperta dell'antica Iol-Cesarea attraverso le sue monete**. Bologna: ISMA, 2013.
- MATTINGLY, D. (ed.). **Farming the desert: the UNESCO Libyan Valleys Archaeological Survey: gazetteer and pottery**. Paris: Unesco, 1996. v. 2.
- PROCHASKA, D. **Making Algeria French: colonialism in Bône, 1870-1920**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- RAVEN, S. **Rome in Africa**. 3. ed. London: Routledge, 2012.

VAN DOMMELEN, P. Colonial constructs: colonialism and Archaeology in the Mediterranean. **World Archaeology**, Stanford, v. 28, n. 3, p. 305-323, 1997.

VOS RAAIJMAKERS, M.; ATTOUI, R. **Rus Africum** : le paysage rural antique autour de Dougga et TébourSouk : cartographie, relevés et chronologie des établissements. Santo Spirito: Edipuglia, 2013. v. 1.

